O CENTENÁRIO DA VINDA DOS SALESIANOS AO BRASIL

Fernando Câmara

É com muita honra e satisfação que ocupo a tribuna de nosso Sodalício, para, em obediência à pauta estabelecida, fazer a palestra do dia.

Deveria abordar nesta oportunidade o centenário da sagração espiscopal de Dom Joaquim José Vieira, 2o. Bispo do Ceará e uma das maiores figuras da Igreja do Brasil em sua época.

Todavia, ocorrendo no próximo ano um século de sua posse no Bispado Cearense, fato este de maior importância, achei melhor transferir para 1984 o meu pronunciamento sobre o saudoso Pastor, que deixou em nosso Estado a mais pura tradição apostólica.

Hoje, recordarei um grande acontecimento verificado no corrente ano, na história religiosa de nossa Pátria, e que tem sido festejado em todas as comunidades da congregação espalhadas em nosso País: o centenário da vinda dos Salesianos ao Brasil.

Tamanha importância foi dada a esta comemoração que o próprio Reitor Maior, como é conhecido o Superior Geral dos Salesianos, Padre Egídio Viganó (7o. Sucessor de S. João Bosco) se abalou de Roma e veio até o Brasil participar de tão justos festejos, fazendo-se acompanhar do Inspetor Geral para a América Latina, o sacerdote brasileiro, Padre Valter Bine.

O Instituto do Ceará não poderia olvidar este centenário, pois, desde a sua chegada ao Brasil, os abnegados salesianos, ao lado dos jesuítas, maristas e outras ordens religiosas, têm sido os grandes educadores de nossa juventude, e atualmente em nosso quadro social figuram três ex-alunos dos beneméritos filhos de São João Bosco: os estimados consórcios, Arruda Furtado, Vinícius Barros Leal e o orador que vos fala.

Isto sem falar no passado, quando tivemos em nossas fileiras, o inesquecível arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio Almeida Lustosa, uma das glórias desta congregação no Brasil.

Exmo. Sr. Presidente e Prezados Consórcios,

Para quem estuda a história eclesiástica do Brasil no regime do Império, bem pode aquilatar a lamentável situação em que se encontrava a Igreja de nossa Pátria, vinculada ao sistema do Padroado, onde, na realidade a figura do

Imperador era o seu verdadeiro Chefe, não tendo validade em nosso País, nenhum ato Pontifício sem o "placet" Imperial.

Desconhecia-se o seu aspecto Divino, não passando as autoridades religiosas - padres e bispos - de meros funcionários públicos.

Proibia-se a fundação de seminários e conventos, restringindo-se assim a ação pastoral na evangelização do povo brasileiro.

Basta se dizer que o antigo Bispo de Olinda, Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, a grande vítima da Questão Religiosa, ao desejar abraçar a vocação capuchinha, teve de ir estudar na Europa por estar proibido o funcionamento de seminários desta congregação.

Com um clero escasso e muitas vezes em decadência de costumes, era como se encontrava a situação da Igreja Brasileira e só nos episcopados de Dom Antônio Joaquim de Melo, Bispo de São Paulo e Dom Antônio Ferreira Viçoso, Bispo de Mariana, começou uma nova fase em nossa história religiosa, com a reforma do clero nacional.

Mais tarde, outro grande Pastor vem secundar o movimento dos Bispos de São Paulo e Mariana em sua campanha reformadora - Dom Pedro Maria de Lacerda - nomeado para a sede episcopal do Rio de Janeiro.

Foi este notável bispo, a quem a Igreja do Brasil tanto deve, e a quem o Imperador Pedro II muito desejou fazê-lo Cardeal (quando se tratou pela primeira vez da criação do cardinalato em nossa Pátria) o responsável pela vinda da família salesiana ao nosso País.

Enquanto ocupou a mitra da então Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, foi de uma dedicação total ao seu rebanho e à causa da Igreja em nossa Pátria.

Quando no triste episódio da Questão Religiosa houve a prisão dos Bispos de Olinda e do Pará, Dom Pedro Maria de Lacerda teve um comportamento edificante.

Foi receber Dom Vital em seu desembarque no Rio de Janeiro e ao cumprimentá-lo ajoelhou-se aos seus pés, dizendo que a sua diocese sentia-se feliz em recebê-lo como seu bispo, e mais tarde, durante o julgamento do Pastor de Olinda, sentou-se ao seu lado, no banco dos réus, prestando integral solidariedade ao colega injustiçado.

Ninguém melhor do que Dom Pedro Maria de Lacerda poderia ter sido escolhido pela Providência Divina para trazer os Salesianos ao Brasil.

Para realizar este ideal lutou como um bravo e venceu como herói, escrevendo cartas aflitivas e comovedoras a Dom Bosco, visitando-o em Turim e não descançou em sua diocese até ver o seu sonho se tornar realidade.

Para conhecimento dos presentes, julgamos de muita importância descrever o seu primeiro contacto com o fundador da Congregação Salesiana, hoje Santo da Igreja Católica e com honra dos altares, usando as mesmas palavras de Dom Pedro Maria de Lacerda:

"Foi entre a segunda e terceira expedição de Salesianos que tivemos a ventura e prazer de conhecer pessoalmente e tratar com Dom Bosco, quando em 1877 fomos a Roma em peregrinação brasileira saudar e venerar o grande Papa Pio IX por ocasião do famoso quinquagésimo aniversário de sua sagração episcopal.

Nossa primeira entrevista foi em um salão do Vaticano, onde com outros ilustres personagens estávamos à espera de chegar a nossa vez de falar com o Eminentíssimo Cardeal Simeoni, então Secretário de Sua Santidade.

Ainda nos lembramos bem daquele padre, modesto e de ar sereno, que de mansinho percorria o salão procurando o Bispo do Rio de Janeiro, até chegar e perguntar se éramos nós. Sabendo que sim, acrescentou que muito nos devia, sem que nós entendessemos a razão, pois até ali nunca havíamos sequer visto tal reverendíssimo sacerdote.

Quando ele nos replicou que era Dom Bosco, levantamo-nos alvoroçados, o abraçamos com toda a efusão dos mais vivos afetos, e não cessávamos nós de dizer-lhe qual o nosso contentamento, e ele de nos agradecer o bom acolhimento, que em 1875 fizéramos no Rio de Janeiro a seus dignos congregados.

Foi, pois, aí, nesse Palácio Apostólico do Vaticano, e junto ao sagrado túmulo de São Pedro, que nós pedimos ao mesmo Dom Bosco que enviasse para o Rio de Janeiro alguns de seus salesianos, e tivemos a doce consolação de ouvir de sua própria boca, palavras boas e bem fundadas esperanças.

Passados muitos dias, nós, a seu convite, fomos a Turim, onde na Casa Central e Cabeça de toda a Congregação Salesiana, fomos recebidos com alegres músicas e estrepitosos vivas e hospedados por uns quinze dias e tratados com muito carinho e verdadeiro amor."

Retornando ao Brasil, Dom Pedro Maria de Lacerda reinicia a sua campanha em prol da vinda dos salesianos para a sua diocese.

Novas cartas são dirigidas a Dom Bosco que tudo faz para atender o angustioso bispo, mas a solução final depende de Roma.

O falecimento do Pontífice Pio IX, ocorrido em 1878, retarda ainda mais a chegada dos abnegados filhos de Dom Bosco e este procura em uma de suas cartas confortar o Bispo do Rio de Janeiro:

"Em se tratando de ir para o Rio de Janeiro, é geral o entusiasmo entre os salesianos. Eles não se importam de febre amarela ou preta.

Vão dispostos a tudo."

Em 1882, no Pontificado de Leão XIII, o Imortal Pontífice da Rerum Novarum, chega ao Brasil para tratar da instalação da primeira casa salesiana, o Padre Luís Lasagna, mais tarde Prelado nas Missões do Mato Grosso e vítima fatal no desastre ferroviário em Mariano Procópio, juntamente com outros sacerdotes e religiosas filhas de Maria Auxiliadora.

No ano seguinte, ele retorna chefiando a expedição que desembarca no Rio de Janeiro em 14 de julho de 1883, fundando em Niterói a sua primeira casa, e composta dos seguines salesianos: Padre Miguel Borghino, Padre Carlos Peretto, Padre Miguel Foglino, Clérigo Bernardino Monti e Irmãos Coadjutores, Domingos Delpiano, João Bologna e José Daneri.

Dom Pedro Maria de Lacerda fica exultante e mais ainda Dom Bosco que já nutria muita simpatia pela nossa Pátria.

A imprensa católica brasileira, tomando conhecimento da chegada dos novos religiosos, tem palavras de elogio ao seu trabalho e o jornal paulista O TABOR, faz uma verdadeira apologia dos filhos de Dom Bosco:

"Peritos em todos os ramos de atividade humana, os salesianos têm sido por toda parte, um verdadeiro sucesso.

Oxalá esses obreiros do progresso pisem quanto antes a Paulicéia.

Versados nas línguas e nas ciências, nas indústrias e nas artes, no comércio e na agricultura, contam no seu grêmio filósofos e matemáticos astrônomos e teólogos, ensinam com proficiência a escrituração mercantil, em diferentes culturas, o fabrico do papel, do vinho e da manteiga, etc.

Nada lhes é estranho, só desconhecem o ócio e o vício.

Destes apóstolos da civilização, oito estão a chegar ao Rio de Janeiro. Sejam bem-vindos".

Existia, assim, um grande entusiasmo em torno da chegada dos Salesianos e o interesse de Dom Bosco pelo Brasil crescia dia a dia.

Vejamos o que disse sobre isto, o Padre Felipe Rinaldi, mais tarde seu terceiro sucessor e agora no caminho da beatificação:

"Em 1884, Dom Bosco sentindo-se um tanto indisposto, foi repousar em Lanzo. Certo dia do mês de agosto, de Mathi, em cuja casa eu era diretor, fui visitá-lo e almoçar com ele.

Chegando ao quarto em que ele se hospedava, encontrei-o com o mapa do Império do Brasil aberto sobre a mesa. Estudava-o atentamente e logo que o cumprimentei me disse: teremos outra casa nesse País e será a segunda. Abrir-se-á em São Paulo, pois a primeira já se abriu em Niterói.

Mostrando-se entusiasmado disse-me: no Brasil é necessário que tenhamos 200 casas. "E logo ascrescentava: "depois que tivermos derramado sangue".

Conforme Dom Bosco planejou, os salesianos se estabeleceram em São Paulo, no dia 5 de junho de 1885 com o famoso Liceu do Coração de Jesus, tendo como primeiro diretor o Padre Lourenço Giordano, responsável também pela inauguração da primeira casa do Norte e Nordeste, em Recife, no dia 10 de fevereiro de 1895.

Hoje, decorrido praticamente um século da previsão de Dom Bosco, como se encontra a congregação salesiana no Brasil?

Mais de 200 casas já existem nas seis províncias Brasileiras, e só na Inspetoria do Nordeste, sediada em Recife, há 33 casas contando 101 salesianos, 200 religiosas salesianas e 183 cooperadores compromissados, que se dedicam às escolas de 1o. e 2o. grau, centros juvenis, grupos de jovens, oratórios festivos, paróquias, santuários, obras sociais, comunidades eclesiais de base, escolas profissionais e casas de formação.

Também muito sangue salesiano já foi derramado em terras brasileiras, bastando lembrar o martírio dos missionários, Padre José Tannhuber João Fuchs, Rodolfo Lukenbein, Pedro Sacillotti, o irmão coadjutor José Pelegrino e outros, tudo como previu Dom Bosco.

Neste ano das comemorações centenárias, outro grande acontecimento vem se registrar para a glória da Congregação Salesiana: o Papa João Paulo II houve por bem beatificar os missionários desta ordem religiosa: Dom Luís Versíglia e Padre Calixto Caravário, martirizados na China em 25 de fevereiro de 1930.

Serão mais dois santos que brevemente irão ornar os altares de nossas igrejas, ao lado de São João Bosco, São Domingos Sávio e Santa Maria Mazarello.

Trabalho e oração foi a vida de Dom Bosco e quando alguém reclamava a sua luta incessante em favor da juventude, privando-se sempre de um merecido repouso, ele respondia com estas palavras:

"Prometi a Deus que trabalharia pelos meus jovens até o último instante de minha vida."

Não admitia que ninguém vivesse na ociosidade e quando no final de sua gloriosa existência, ainda se queixava de não ter realizado mais:

"O que fiz, fiz pelo Senhor. Podia-se ter feito mais. Mas os meus filhos farão. A nossa congregação é guiada por Deus e protegida por Maria Auxiliadora".

Em 1872 Dom Bosco estava em Genna para uma rápida visita, e entre outros foi visitá-lo o Cônego Ampugnani que morava em Marrassi e o havia ajudado a adquirir o Colégio de Alássio.

Vendo-o bem disposto Dom Bosco perguntou: E agora o que faz?

Eu? Nada. Repouso.

Como, o senhor repousa? O senhor é forte, sadio e muito jovem.

Trabalhei muito na América e agora descanso.

Dom Bosco compenetrou-se e disse: Não sabe o senhor que o repouso é no paraíso? E que prestaremos a Deus contas rigorosas do tempo perdido?

O cônego ficou tão impressionado por aquelas palavras que não acertava por onde sair.

No dia seguinte foi à casa salesiana e pediu ao diretor que o deixasse pregar, dar aulas de música e exercer outras atividades.

Dom Bosco compenetrou-se e disse: Não sabe o senhor que o repouso é no paraíso? E que prestaremos a Deus contas rigorosas do tempo perdido?

O cônego ficou tão impressionado por aquelas palavras que não acertava por onde sair.

No dia seguinte foi à casa salesiana e pediu ao diretor que o deixasse pregar, dar aulas de música e exercer outras atividades.

Dom Bosco, exclamou o Cônego, disse-me palavras terríveis.

Em outra ocasião, encontrou-se com o Superior Geral dos Filhos de São Francisco de Paula, homem culto mas reduzido a vigário de uma Paróquia.

Dom Bosco o cumprimentou com muito respeito e lhe disse:

Quem sabe quanto trabalho terá como Superior Geral da Ordem:

Na verdade, Dom Bosco, pouco ou nenhum. Sabe? Somos poucos.

Quantos noviços tem?

Nenhum.

E quantos estudantes?

Nenhum.

Como é?

O rosto de Dom Bosco tornou-se gravemente sério e sua palavra vibrava.

E o senhor não faz tudo que está ao seu alcance para impedir o colapso de uma ordem tão benemérita da Igreja, e que ainda não cumpriu a missão para a qual foi fundada, e que possui tantas profecias para serem cumpridas?

Mas não se encontram vocações, respondeu o Geral.

E se o senhor não encontrar vocações na Itália, vá à França, à Espanha, à América e à Oceania.

O senhor tem uma responsabilidade gravíssima, grandes contas a prestar a Deus! Quantas fadigas, quantas dores, teve que suportar São Francisco de Paula para fundar sua Ordem. E o senhor permitirá que se percam tantas orações, tantas fadigas, tantas esperanças?

O Padre Geral sentiu-se aniquilado. Prometeu a Dom Bosco que faria esforços para encontrar vocações.

Dom Bosco soube transmitir à congregação o seu grande carisma e o amor ao trabalho e a oração.

Sempre conheci os Salesianos sem tempo livre para nada, com dedicação total as suas atividades religiosas e educativas.

Recordo-me bem, quando aluno do Colégio Domingos Sávio, de Baturité, em certo ano escolar a direção do estabelecimento, que mantinha curso primário e ginasial, entregue a apenas três padres salesianos e um irmão coadjutor. Era uma luta gigante, mas o colégio funcionava normalmente e tudo dava certo!

Poucas famílias religiosas se desenvolveram tanto no Brasil, como os admiráveis filhos de São João Bosco.

Na década de 1940 a 1950, eles figuram como a ordem mais representativa no Episcopado Brasileiro, contando na oportunidade com quatro ilustres Arcebispos: o inesquecível Dom Antônio de Almeida Lustosa, os irmãos, Dom Emmanuel Gomes de Oliveira e D. Helvécio Gomes de Oliveira (este último foi o primeiro sacerdote salesiano brasileiro e também o seu primeiro bispo), Dom Aquino Corrêa, Arcebispo de Cuiabá e membro da Academia Brasileira de Letras, e ainda muitos outros bispos e prelados, estes últimos com destacada atuação nas missões de Amazônia.

Mais recentemente, tivemos a grata satisfação de ver promovido às honras episcopais, o nosso estimado amigo Padre Antônio Possamai, Ex-Inspetor Salesiano nesta Província de São Luís Gonzaga, sediada em Recife, onde se notabilizou pelo seu dinamismo e zelo apostólico.

A vinda dos salesianos para o Ceará, foi uma das preocupações de nosso segundo bispo, Dom Joaquim José Vieira no século passado.

Quando estudava em Baturité ouvi muitas vezes o meu saudoso Diretor, Padre Aurino Caracciolo, se referir a uma troca de correspondência havida sobre o assunto, entre Dom Bosco e o então Pastor Cearense.

Onde estariam hoje tão importantes documentos?

Confirmando este acontecimento, transcrevo alguns tópicos de uma carta feita para Dom Bosco pelo Padre Luís Lasagna, 1o. Inspetor Salesiano no Brasil, sobre tão palpitante assunto:

"V. Revma. conhece as súplices comovedoras com que nos pedem auxílio os zelosos Bispos do Brasil, os quais, vendo-se tão sós numa região vasta e sem limites, desencorajados e tristes, imploram socorro, com vozes de cortar o coração.

É tempo, pois, de voarmos em seu auxílio, assentarmos lá nossas tendas e banharmos com os nossos suores aquelas regiões imensas.

No Rio de Janeiro, CEARÁ (o grifo é nosso) Maranhão e Pará, fizeram questão que eu ficasse com eles sob seus tectos, em suas mesas, não cessando de suplicar e pedir insistentemente que os socorrêssemos em suas angústias".

Todavia, somente no episcopado de Dom Manuel da Silva Gomes eles se estabeleceriam em nosso Estado; primeiro em Baturité, sob o comando do virtuoso Padre Luís de Brito, depois em Fortaleza, onde assumiram a direção da Paróquia da Piedade e mais tarde, do Centro Educacional Dom Lustosa.

Finalmente, em Juazeiro do Norte, em plena região do Cariri, eles também se fizeram presentes, fundando um colégio e assumindo os destinos de uma Paróquia.

Hoje, após um século de vivência salesiana no Brasil, é difícil se calcular o grande bem que os abnegados filhos de São João Bosco fizeram pela

educação de nossa juventude, pela evangelização de nossos índios e pela formação religiosa de nossa gente.

Muita coisa, porém, ainda falta ser realizada, e se Dom Bosco revivesse, e novamente se debruçasse sobre o mapa do Brasil, haveria por certo de desejar, não só 200 casas salesianas em nossa Pátria, mas 2.000, número este ainda insuficiente, para se solucionar o maior problema social de nosso País: o menor abandonado.

Somente os salesianos, verdadeiros mestres e educadores de nossa juventude, com o seu dinamismo e abnegação, poderão um dia resolver este grande desafio, que não mereceu ainda de nossas autoridades a sua maior atenção!

Exmo. Sr. Presidente, Ilustres Autoridades e Prezados Consócios.

Não quero encerrar esta palestra, sem antes recordar, uma das maiores figuras do mundo salesiano e que até duas décadas passadas, dirigiu com muita sabedoria, justiça e dedicação o rebanho cearense.

Refiro-me ao inesquecível Dom Antônio de Almeida Lustosa, um dos mais ilustres membros desta Casa, que durante 22 anos ocupou a mitra de Fortaleza realizando um dos mais profícuos episcopados.

Jamais se esqueceu de sua amada congregação e muitas vezes, fugindo de justas e merecidas homenagens, ia se refugiar na Paróquia da Piedade, junto aos seus irmãos salesianos.

Quando ia a Baturité, em visitas pastorais, ou participar dos congressos eucarísticos ali realizados, declinava da hospedagem mais confortável dos padres jesuítas na Escola Apóstólica, para ficar com os antigos colegas de ordem religiosa, no Colégio Domingos Sávio, cujas acomodações eram bem modestas.

Possuía uma sólida e vasta cultura mas era de uma modéstia sem par.

Segundo revelações feitas por Dom Augusto Álvaro da Silva, antigo Arcebispo-Primaz da Bahia, Dom Antônio de Almeida Lustosa por duas vezes recusou as honras cardinalícias: primeiramente como sucessor do Cardeal Dom Sebastião Leme, no Arcebispado do Rio de Janeiro, e depois, como Cardeal Protetor de sua própria congregação.

Nenhuma homenagem póstuma lhe assentaria melhor do que aquela feita pelo Santo Padre João Paulo II, quando ao encerrar a reunião do Episcopado Brasileiro, no Centro de Convenções de Fortaleza, manifestou o reconhecimento da Igreja Católica aos Bispos do Brasil, que no passado desempenharam sua missão pastoral em nossa Pátria, fazendo na oportunidade a seguinte evocação:

"Não quero terminar estas palavras e encerrar este encontro sem evocar as figuras de Bispos, que ao longo de quatro séculos e meio foram neste País

os legítimos sucessores dos Apóstolos e aqui dedicaram toda a vida, todas as energias à construção do Reino de Deus.

Diversas as circunstâncias histórico-culturais em que, foram chamados a exercer sua missão, diversas as suas fisionomias humanas, diversas suas histórias pessoais, todos porém homens que deixaram marcas de sua passagem, desde aquele Dom Pedro Fernandes Sardinha que foi o primeiro Bispo a exercer aqui seu ministério episcopal.

Qualquer citação de nomes é forçosamente limitada: mas como não evocar figuras como as de Dom Vital de Oliveira e Dom Macedo Costa, de Dom Antônio Ferreira Viçoso, dos dois primeiros cardeais brasileiros, Dom Joaquim Arcoverde e Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, de Dom Silvério Gomes Pimenta e de Dom José Gaspar de Affonseca e Silva?

Como não evocar aqui em Fortaleza a figura admirável de DOM ANTÔNIO DE ALMEIDA LUSTOSA (o grifo é nosso), que repousa nesta Catedral e que deixou nesta Diocese a imagem de um sábio e santo?

Possa a recordação destes irmãos, e de tantos outros, que nos precederam com o sinal da fé, estimular-nos mais e mais no serviço do Senhor!